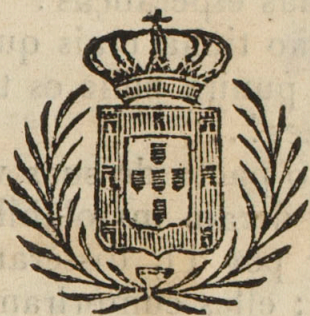


ECO DA VOZ PORTUGUEZA

POR TERRAS

DE SANTA CRUZ.

15 DE



JULHO.

I

Portugal!...

Miseranda patria minha!...

A que horrivel abysmo te arroja ingrata a filha de teu Rei!...

A filha do teu libertador!...

Aquella por quem espargiste o sangue de tuas veias com tanta generosidade!...

Em que abysmo tão profundo foste precipitada, patria minha miseranda!...

Nova Polonia, vendida a tres nações, que te veneraram já, que já provaram tua força e tua coragem!...

Portugal!...

Estrangulado entre as garras do Leopardo.... dilacerado pelos dentes do Leão.... e por escarneo picado com os esporões do gallo, que sobre o teu cadaver canta os hymnos mortuarios que a finada Polonia ouvira quando posta em almoeda era vendida a quem mais dava!...

Portugal!...

De tanta gloria passada, de tanta capacidade e inexgotaveis recursos que ainda tens, de tanto patriotismo, dedicação, grandeza de alma, que ficará?

Nem mesmo um nome que tenha alguma significação.
E aos vindouros nada quererá dizer esta palavra, n'outras eras tão significativa — Portugal. —

II

Rainha dos Portuguezes!...

Rainha pelos Portuguezes!...

Que Has feito dessa herança de virtudes que Teu Pai Comprou com a vida para Ti?

Que Has feito da felicidade de Teu Povo a Ti confiada?

Que lhes Déste pelas suas esperanças?

Esse malfadado Povo não tinha mais que a Deos e a Ti.

Tu lhe Faltas: e Deos punirá nelle os teus peccados.

Rainha pelos Portuguezes!...

Juraram elles Contigo o pacto de suas venturas: e a Ti, pelo que de Ti deviam esperar, Te deram inviolabilidade: e ainda, blasfemos em suas palavras de amor por Ti, disseram que Eras — Sagrada. —

Elles obedeceram tanto; elles cumpriram tanto, e de mais, as condições desse pacto firmado a sangue de suas honrosas feridas de batalha, que a fome, sómente a fome lhes poude arrancar um brado supplicante, e afflicto... e não muito alto dado... não muito pungente... para não magoar Teu coração... porque Te julgavam sua Mãi!...

A fome, sómente a fome lhes inspirou uma queixa humilde.

E Tu, Rainha pelos Portuguezes!...

Tu Atiraste ao Povo, que tinha fome, uma pedra com que os dentes lhe Quebraste, que elle esfaímado entre-abrira, julgando que lhe Atiravas algum pedaço de pão, que sobejava de tua lauta mesa, que elle paga!

Rainha pelos Portuguezes!...

Como foi que Tu Cumpriste o pacto Assignado por Ti, com lagrimas de saudade a teu Pai votadas, e por teu Povo com sangue derramado para Ti!...

Qual era a condição de Tua inviolabilidade? Cumpriste-a Tu?

Não És Tu mesma a confessar que Transgrediste a lei pela qual Foste feita Rainha?

Tu mesma não Prometteste a esse Povo esfaímado Derogar leis que Fizeste contrarias á lei que Te fez de misera proscripta uma Rainha?

Tu mesma, Submettendo-Te a condições aviltantes não Te Degradaste já de Tua alta dignidade?

Tu mesma não És que Derrubaste essa muralha de corações devotos, que Te amavam, que palpitavam por Ti, e inviolavel Te faziam e Te guardavam?

Tu mesma não Foste que Deixaste cair o Teu sceptro de ferro s

bre essas cabeças, que Te veneravam segrada; e quasi que Te adoravam divina?

.....
E ás boccas esfaimadas Atiras Tu uma dura pedra!...

E sobre as linguas sequiosas Gottejas Tu, risonha de escarneo, o fel amargo de Tuas ingratidões!...

E nas faces de fome pallidas, que enrubeceram pelo Teu desamor, Tu Mandaste dar por Estrangeiros muita bofetada!...

.....

Faculdade de Filosofia

III

Ciências e Letras

Biblioteca Central

Em silencio temos por cá pranteado os males de nossa patria: temos devorado as lagrimas: e sem nenhum murmurio elevado temos a Deos o nosso pensamento: e sobre seus altares temos por holocausto offerecido as magoas de nosso coração, por supplicar-lhe que affaste de nossa Patria o seu rigor, tão justo, mas tão pungente.

Com resignação christã soffrido temos em nossos irmãos todo esse rigor da justiça divina por mãos dos homens, irmãos nossos, inflingido:

Com Fé de Portuguezes temos esperado que a misericordia divina transforme os nossos males em venturas.

É com dor, mais que acerba, que bem vemos não se applacar a justa ira do Senhor!

Tarde, bem tarde expiaremos as nossas culpas!

Tarde, bem tarde alcançaremos graça!

Porque a maldição de um Deos peza sobre o lusitano povo, como sobre o povo escolhido!

Porque um perjurio, um sacrilegio tanto excitaram a colera celeste, que muito longa e tormentosa terá de ser a expiação!

Porém diz-nos a consciencia, animada pela Fé robusta de nossos Pais, que muito e muito haverá de soffrer este povo escolhido; mas soffrer não deverá ignominia, aviltamento; porque elle é grande em sua pequenez, que encerra um passado glorioso, um futuro providencial para a felicidade, para a regeneração da caduca Europa!

A nossa voz rompe o silencio dos irmãos nossos, magoados, que choram pela Patria, e se envergonham de que os vejam chorar em terra alheia; e abafam seus gemidos para não parecerem ingratos, elles, que aqui não soffrem, na terra mais hospitaleira e venturosa!

Egoista, que por viveres abrigado de tantas misérias não te importa a fome e a guerra, que vão matando os teus irmãos n'outro hemispherio.

Devasso, que porque sobre a tua face não foi dada a bofetada, tua

face fica pallida, impassiva, indifferente á affronta que lá soffreram, a duas mil legoas, os teus compatriotas.

Nenhum de vós se atreva a ler este papel.

IV

Rainha pelos Portuguezes!

O desamor de Teus subditos ao usurpador, Teu Tio, entorpeceolhes os braços por tal fôrma que deixaram entrar uma Esquadra Franceza pelo Tejo.

E o pavilhão francez, o pavilhão tricolor, essa bandeira do Povo, essa bandeira que a desgraçada Polonia julgava a cada instante esperançosa vêr tremular ao longe em soccorro de seu ultimo baluarte; esse pavilhão mentiroso tremulou por algumas horas n'algumas fortalezas de Portugal.

Mas assim foi ainda, porque os Portuguezes, opprimidos, esperavam protecção nesses estrangeiros para sacudir o jugo de um tyranno, sem derramar tanto sangue, quanto é o que a Tua Corôa lhes tem custado.

Illudidos foram nas suas esperanças; e nunca lhes hade passar a magoa de não terem corrido todos, á voz de quem quer que fosse, para o combate, para morrer abraçados á cruz de sua bandeira!

Triste necessidade, lhes nutrindo uma esperança, os fez covardes: fatal desengano lhes ha de enrubecer de vergonha sempre as faces maceradas!...

E com que necessidade agora Tu Consentes que o pavilhão da soberbissima Inglaterra se arvore em terra de Portuguezes?

E em que logar, em que torre elle se arvora, para conservar preso um troço de Portuguezes, surpreendidos sem nenhuma declaração de guerra?

Conheces aquella torre?

A torre de S. Julião!....

.....
Naquella torre, cada falso de Gomes Freire!...

Naquella torre, cujos alicerces estão ensopados de sangue portuguez, derramado gota a gota para Ti, por mais de cinco annos....

Alli... alli se arvora a bandeira de Inglaterra, que tem priioneiros os Teus subditos.... e a Ti mesma.... a Ti mesma, qual outra Pomaré!...

.....
Que vergonha!....

V

.....
Rainha! Rainha!

Sabes Tu que muito sangue espargido nos cadafalsos levou sobre ondas rubras que formava a Tua pesada corôa atravez do Oceano para sobre um rochedo inexpugnável?

Sabes que essas ondas de sangue augmentaram lá com o furor dos combates? e Sabes que refluindo até ás praias do Mindello trouxeram para Ti essa Coroa que Deixas vacillar?

E Sabes Tu que para que ella fosse elevada até á altura de Tua cabeça foi necessario que a levasse aos hombros Teu Pai moribundo, que ajudado por seus amigos subio com muito custo e muita dor uma pyramide alta de cadaveres, em cuja face reclinada Tu Dormias o somno da innocencia?...

E Sabes Tu que apenas chegado ao apice dessa pyramide, Teu Pai, dando sua alma a Deos, dando seu coração aos seus Portuguezes, e collocando, já nos ultimos suspiros, sobre a Tua cabeça essa Coroa de tanto preço, cahio morto, Elle, entre os soldados rasos?!...

VI

.....
Rainha! Rainha!
Esses Soldados e am Portuguezes!
Esses cadaveres eram de Portuguezes!
Esse tanto sangue, derramado por Ti, era sangue Portuguez!....

.....
Rainha! Rainha!
O Throno em que Te Assentas é feito de ossos Portuguezes....
O Teu manto de Rainha é vermelho por ser tincto com sangue Portuguez....
A Corôa que Tens na cabeça é a caveira de Teu Pai!....

.....
O sceptro....
Sómente o sceptro é Teu.... fabricado por Ti.... de ferro....
muito pesado para Teu pulso debil....

VII

.....
Rainha pelos Portuguezes!
Tu não Quizeste ficar inviolavel.

Não hade ser unicamente o ranjer dos ossos que formam o Teu so-
lio, o que Te avisará de que mal sentada Estás, quando não Fazes
justiça inteira.

Não será unicamente a cor vermelha de tua purpura que hade man-
char-Te a mão, quando a Affastares de sobre a cabeça daquelle que
vem pedir-Te abrigo.

Não hade unicamente ser a caveira de Teu Pai, que apertando-Te
as fontes quando Te Esqueceres do que a Portugal Deves, Te poderá
fazer insupportavel o peso dessa Corôa, não sustentada por mão de
amigo, mas encravada na Tua cabeça pelas patas do Leopardo e do
Leão, e pelos esporões do gallo.

E, como antes que S. Pedro negasse o Divino Mestre, o Gallo
cantará tres vezes. —

Rainha de Portugal, porque Te Degradaste abrindo Tu mesma as
portas do Teu Reino para ser invadido?

Rainha dos Portuguezes, porque os não Governaste conforme os
seus recursos e as suas necessidades, para que a fome os não matasse,
e a paz lhes desse prosperidade?

Rainha pelos Portuguezes, porque não Quizeste firmar todo o Teu
poder nesse amor dos Portuguezes, que por Ti abriram suas veias e
os seus cofres?

.....
Tu não Quizeste ficar inviolavel; mas os Teus subditos são Por-
tuguezes, leaes, e cavalheiros; e Tu para elles ainda És sagrada!
!.....!

Mata-os, mas não os aviltes.

VIII

Saiam já de nossa terra os Estrangeiros armados! E onde quer que
elles tenham arvorado o seu estandarte, erga-se para memoria dessa
affronta uma alta cruz, e diga-se:

Aqui jaz Portugal,
que a seus filhos,
não tendo já nome que deixar,
legou

— Vingança —

porêm vingança nobre:

a de haverem de amarem-se para engrandecer-se,
para se regenerar.

IX

Rainha!

Manda o Teu sceptro de ferro para os Teus arsenaes.

Ve-lo-Has transformado em espadas, ancoras, pelouros, e arados.

E os pulsos dos Teus Portuguezes, ainda magoados das algemas que lhes Lançaste, Verás como ganham vigor para defender-Te, e para humildes servir-Te.

Humildes por amor!

Para leval-os ao combate, e depois do combate a seu trabalho, Toma Tu uma leve canna, como Teus Avós fizeram, e Vae, risonha, nobre e compassiva, ante elles, que são Teus filhos.

Leval-os-Has onde Quizeres; porque, apesar do que Has feito, elles Te amam.

Leaes cavalheiros, só querem que não Te Esqueças de que És sua Mãi, e de que nem mesmo entre as feras ha Mãi para consentir que seus filhos sejam offendidos por estrangeiros.

Tu Crês que não És sua Mãi, elles se consideram Teus filhos, e hão de amar-Te, em quanto Fores, ao menos madrastra sua e não Estrangeira, Tu, que És filha de D. Pedro.

Se Queres ser cruel embora o Sejas.

Teus subditos são cavalheiros leaes, que nunca tingiram suas mãos no sangue dos seus Reis, no cadafalso, como fizeram já aquelles a que recorres, aquelles cuja bandeira se arvora a Teu reclamo, em terras de Portugal!

.....
Rainha pelos Portuguezes!

Teus subditos soffrerão tudo, tudo por Ti; menos a infamia de uma bofetada por mão de Regicidas.

.....
Rainha pelo amor e pelas armas de Portugal!

Preferes ser tyranna?

Matta os Portuguezes Tu mesma: não os Aviltes.

Faculdade de Filosofia

X

Ciências e Letras

Biblioteca Central

.....
.....
E disse por derradeiro o procurador d'El-Rei Lourenço Viegas
"Quereis que o Senhor Rei vá ás Côrtes d'El-Rei de Leão, ou lhe pague tributo, ou a alguma outra pessoa, afóra o Senhor Papa; que

o appellidou Rei? — A esta voz surgiram todos, e com as espadas nuas e alçadas, gritaram: «Livres somos, nosso Rei é livre, só ás nossas mãos devemos a nossa Liberdade: e qualquer Senhor Rei, que em tal consentir, morra por ello; e se ainda não fôr Rei, nunca em nenhum tempo possa vir a reinar sobre nós.» — Aqui El-Rei coroadado, se ergueo outra vez, e floreando na direita a espada nua, disse para todos: «Quanto hei lidado por vossas liberdades, assás o sabeis vós. Por testemunhas vos tomo, e por testemunhas a este meu braço e espada; se alguém em tal consentir, morra por ello; e a ser filho ou neto meu, não reine.»

— Todos disseram: boa palavra, morrerão: «Rei, que em alheio dominio consentir, não será de nós soffrido uma só hora no throno.»

— Ao que El-Rei poz remate, com dizer «Assim se faça.»

(A. F. CASTILHO.)



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

RIO DE JANEIRO

TYP. DE M. A. DA SILVA LIMA

Rua de S. José N.º 8. — 1847,